

Arte, literatura e primeira infância

Ações de arte e educação entre o Parquinho Lage e a Lona Cultural da Maré.

Antonio Gonzaga Amador¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro
antonio.gonzaga.amador@gmail.com

Mariana Vilanova²

Parque Lage
marianarvc24@gmail.com

Resumo:

O texto apresenta o relato e a reflexão de práticas em arte e educação desenvolvidos pelo programa Parquinho Lage, da Escola de Artes Visuais do Parque Lage do Rio de Janeiro, e a Lona Cultural da Maré. É apresentado o que é o projeto Parquinho Lage, suas linhas de atuação e como foi construída a parceria com a Lona Cultural da Maré. Mais precisamente, será narrada a construção de atividades continuadas para a primeira infância com crianças entre 3 e 5 anos, de uma turma de um Espaço de Desenvolvimento Infantil do Complexo da Maré, conjunto de favelas, situado na cidade do Rio de Janeiro. Será exposta a metodologia proposta, os processos artísticos e criativos desenvolvidos e os resultados das atividades, além de uma reflexão conceitual sobre ações para crianças envolvendo a criação artística, literatura e educação.

Palavras-Chave: arte; literatura; infância; criação; educação;

¹ Artista e Educador. Doutorando em Artes da Cena, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, Brasil.

² Educadora, Bacharel em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

1. Introdução

Este trabalho apresenta os processos de criação e desenvolvimento de atividades de arte e educação construídos em uma parceria entre o projeto Parquinho Lage e a Lona Cultural da Maré. O público-alvo desta parceria foram crianças de uma turma de educação infantil de um Espaço de Desenvolvimento Infantil, com idades entre 3 e 5 anos, localizado no Complexo da Maré, conjunto de favelas da zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

As atividades foram executadas por um artista convidado, Renato Cafuzo, educador, morador do Complexo da Maré, e tinham como premissas a experimentação de técnicas e materiais artísticos para as crianças; a promoção da leitura por meio de contação de histórias; a mediação cultural dentro do contexto social e local das crianças, o Complexo da Maré; e o incentivo à reflexão sobre a história e o território onde as crianças vivem.

Além disso, este texto também busca refletir conceitualmente sobre o processo de criação do projeto, seu percurso durante a execução e os resultados práticos e poéticos que conseguimos mensurar. Lançamos algumas perguntas que nos moveram e nos movem durante nossas práticas de educação e arte: o que podemos oferecer como experimentação artística para e com crianças? Como entender a complexidade do território, respeitando a diversidade de origens, sociais e raciais para uma promoção da equidade? Como a experimentação da arte pode ser uma ferramenta na construção da cidadania na infância? Como podemos construir ações em parceria?

O Parquinho Lage é o núcleo pedagógico infantil da Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, uma escola livre, de arte e vinculada à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do estado do Rio de Janeiro. Investiga o que uma escola de arte tem a aprender com as crianças: como ser uma escola livre e quais os caminhos para desenvolver uma justa reciprocidade, envolvendo alunos, famílias, professores, todos aprendizes. Lugar de escuta, de descoberta, de olhar, tocar, sentir e experimentar, que não impõe valores nem conhecimentos desconectados de nossas vivências. Analisa de forma crítica os

discursos hegemônicos – da história, da arte, da cultura, de nossos corpos –, afirmando uma aprendizagem a partir do local onde estamos, uma escola de arte em meio à floresta. Enquanto núcleo pedagógico para e com crianças, o Parquinho Lage torna a escola ainda mais acessível e plural, afirmando assim o compromisso da EAV Parque Lage como equipamento público.

Em suas ações, esta escola desenvolve diversos programas públicos e gratuitos através de programações artísticas e culturais. O Parquinho Lage se propõe a revisitar conceitos da educação infantil, visando formular novas linhas de aprendizado, adotando práticas de experimentação em contato com a arte contemporânea e a floresta da Tijuca, que cerca o Parque Lage. Realizar atividades na floresta é uma maneira de desenvolver uma consciência ecológica e promover uma inter-relação entre diferentes formas de vida.

As ações desenvolvidas pelo programa Parquinho Lage são: Arte em família, Descolônia de férias, Jornadas de outubro, Cursos Livres semestrais³.

Além desses, também desenvolvemos as Parcerias Continuadas, ação na qual nos debruçamos neste texto. Esta ação visa criar uma relação mais construtiva e de longo prazo com outras instituições. Ao todo são seis encontros com o mesmo grupo, podendo ser com o mesmo professor ou professores variados. A proposta permite construir laços e desenvolver perspectivas e práticas artísticas de maneira mais intensa.

2. Parceria Parquinho Lage e Lona Cultural da Maré

No ano de 2022, tínhamos como objetivo, dentro do escopo de atividades do plano anual do programa Parquinho Lage, realizar doze atividades em parceria contínua com uma ou mais instituições. Em anos anteriores, o Parquinho Lage já tinha desenvolvido atividades pontuais para crianças em parceria com a Lona Cultural da Maré. A Lona Cultural da Maré é um equipamento público da Secretaria Municipal de Cultura da prefeitura da cidade

³ Mais informações detalhadas sobre as ações em: <https://eavparquelage.rj.gov.br/parquinho-lage#null>

do Rio de Janeiro, localizado no Complexo da Maré, conjunto de favelas da zona norte do Rio. A gestão do equipamento é feita em cooperação com a Redes da Maré⁴, organização da sociedade civil que promove ações de educação, trabalho e cidadania dentro da Maré.

Como primeiro passo para o projeto, marcamos uma reunião com a gestora da Lona Cultural da Maré, na época, para entendermos como construir o projeto juntos e de que maneiras contribuir dentro dos processos que já eram desenvolvidos lá. Aqui, temos um entendimento de que a parceria se constitui através do encontro, do diálogo. Como os saberes do Parquinho Lage e os saberes da Lona Cultural da Maré podem convergir e produzir uma experiência em educação no contexto do encontro? Como essa parceria vai produzir uma experiência terceira, que não é nem só do Parquinho Lage e nem só da Lona Cultural da Maré, e sim do encontro das duas.

Na reunião foi apresentado o cenário geral das atividades da Lona Cultural da Maré voltadas para o público infantil. As atividades são, em sua maioria, culturais, como capoeira e música, mas também se desenvolvem atividades de letramento e mediação de leitura. Nesse momento, a gestora nos contou sobre a dificuldade e o desejo de atingir as mais variadas faixas etárias infantis na programação da Lona Cultural. É muito comum crianças entre 8 e 12 anos participarem das atividades e também adolescentes entre 13 e 17 anos frequentarem a programação. No entanto, a participação de crianças com idade abaixo de 6 anos era muito rara devido a fatores como a oferta de programação focada nessa idade ou a necessidade de acompanhamento dos responsáveis no deslocamento das crianças até ao espaço da Lona.

Aqui, encontramos um ponto de convergência, a primeira infância, e algumas questões: Como poderíamos pensar em atividades com foco na primeira infância? Que estratégias poderíamos construir para fomentar a participação e o envolvimento com esse público específico? Que abordagens pedagógicas poderiam ser usadas para esse momento? Um pensamento que

⁴ Mais informações sobre a Redes da Maré em: <https://www.redesdamare.org.br/>

estava no nosso horizonte para ser pensado como método era a noção de mestre ignorante definida por Jacques Rancière.

Ele não ensina seu saber aos alunos, mas ordena-lhes que se aventurem na floresta das coisas e dos signos, que digam o que viram e o que pensam do que viram, que o comprovem e o façam provar. O que ele ignora é a desigualdade das inteligências. Toda distância é uma distância factual, e cada ato intelectual é um caminho traçado entre uma ignorância e um saber, um caminho que abole incessantemente, com suas fronteiras, a fixidez e a hierarquia das posições. (Rancière, 2012, pp. 15-16)

Com isso, nos colocamos a pensar de que maneira e o que construir para nos relacionarmos com esse público. A gestora da Lona Cultural nos apresentou duas possibilidades de atuação que levassem em conta o território da Maré: o convite a um artista-educador da própria comunidade para elaborar as atividades em conjunto conosco e a tentativa de parceria com EDI⁵ existente na Maré. Ela se colocou a buscar um EDI com interesse em formar uma parceria e o Parquinho Lage iria se reunir com o artista-educador, Renato Cafuzo, para construir o que seriam as atividades. Começamos a conformar uma relação triangular nessa parceria: Parquinho Lage, Lona Cultural da Maré e um EDI.

Durante o encontro com Renato Cafuzo, apresentamos-lhe nossos desejos e questões para trabalhar com a primeira infância em uma interface entre arte e educação. Ele pontuou que seria interessante tratar conjuntamente sobre o território, tendo em vista que os processos formais de ensino não costumam contextualizar geograficamente a maioria dos espaços periféricos da cidade. Sendo assim, começamos a pensar metodologias que pudessem abarcar tanto o diálogo com as crianças, quanto a prática artística.

O Complexo da Maré é subdividido em diversas áreas e cada uma delas tem uma história que conta sobre seu surgimento e origem do nome. Como morador da região, Cafuzo nos contou que poderíamos pensar em histórias a serem contadas, a partir de livros, filmes ou narrativas, que abordassem temas como identidade, família, território, ancestralidade e festa.

⁵ Espaço de Desenvolvimento Infantil. É uma unidade escolar da Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro que atende as crianças da primeira infância, antes do ensino fundamental.

A gestora da Lona Cultural iniciou um diálogo com o Espaço de Desenvolvimento Infantil Cleia Santos de Oliveira, mais precisamente com a diretora da unidade e as professoras de uma turma que demonstraram interesse em trabalhar conosco. Um ponto importante sobre o convite a esse EDI foi a sua localização na Maré. Dentro do complexo da Maré existem diversas comunidades; porém, devido a conjuntura de violência vivida no lugar, o trânsito das pessoas entre as comunidades pode não ser tão simples. Assim, essa também foi uma escolha conceitual: promover o trânsito dessas crianças de uma comunidade à outra e, também, a Lona Cultural, já que não era um espaço frequentado normalmente.

Posteriormente, apresentamos à unidade escolar nossa proposta de construir uma parceria contínua e explicamos de que maneira poderíamos executar a mesma. Chegamos a conclusão de que seriam seis encontros com a mesma turma, unindo a continuidade e desenvolvimento das práticas em arte e educação. Esses seis encontros foram divididos entre os três espaços da seguinte forma: 3 na Lona Cultural, 2 na unidade escolar e 1 na EAV Parque Lage.

3. Os encontros

Renato Cafuzo, a partir das nossas provocações, elaborou a estratégia pedagógica para os encontros da seguinte maneira: cada encontro teria a duração de 1 hora a 1 hora e 30 minutos; cada encontro exploraria uma contação de história e uma oficina de experimentação artística relacionada com a história; os encontros alternavam de local entre a Lona Cultural da Maré, o EDI Cleia Santos e encerrariam na EAV Parque Lage; durante as oficinas, teríamos o acompanhamento de fotógrafos para registro das ações.

Como dito anteriormente, tínhamos o desejo de trabalhar temas como identidade, família, território, ancestralidade e festa junto às crianças. Assim, a escolha das histórias que seriam contadas e as oficinas práticas foram pautadas

por eles. Durante o processo e a execução dos encontros, tentamos criar um espaço de escuta para a criação que poderia surgir.

Tania Bruguera nos coloca que:

O ensino está relacionado à ética do conhecimento, ele é a criação de uma estrutura do pensamento e a modelagem da sensibilidade que prevalecerá na vida de alguém durante longo tempo. Abordo o ensino mediante a criação de um processo no qual o estudante assuma o controle pleno disso. (Bruguera, 2018, p. 91)

Tentamos criar uma zona onde a criança poderia ter um contato com uma narrativa e experimentar uma prática de forma autônoma. Para além disso, como questão transversal, estávamos interessados nos processos de educação e produção de subjetividade que poderiam surgir nesses encontros.

O primeiro encontro aconteceu no EDI Cleia Santos. A turma participante do projeto era de crianças com idades entre 3 e 5 anos. A história contada foi o livro *Amoras* do autor Emicida, que narra a relação da criança com a sua identidade e o pertencimento a partir da experiência de uma fruta. Na oficina, foi proposta a construção de um rosto de si próprio, usando colagens e desenho com giz (Figura 1).



Figura 1. Oficina com crianças no EDI Cleia Santos. Créditos: Paulo Barros.

O segundo encontro aconteceu na Lona Cultural da Maré e o transporte das crianças foi disponibilizado pela Redes da Maré. A história contada foi o livro *Que Saudade da Minha Avó*, da autora Maíra Oliveira, que narra a história de um menino que usa o desenho como instrumento e prática para aprender a lidar com o sentimento de saudades da avó. A partir da contação de história, foi proposta às crianças a produção de um desenho em tamanho grande de pessoas, objetos ou situações que remetesse a saudade ou lembrança de algum familiar ou pessoa próxima a eles (Figura 2).



Figura 2. Oficina com crianças no EDI Cleia Santos. Créditos: Paulo Barros.

O terceiro encontro também aconteceu na Lona Cultural da Maré. A história contada foi o livro *Da Minha Janela*, do autor Otávio Júnior, onde o narrador descreve coisas, pessoas e animais da janela da casa onde vive em uma favela do Rio de Janeiro de forma sensível e poética. Após a contação, as crianças foram provocadas a desenhar o que elas viam das suas próprias janelas, com lápis de cor e canetinhas, em uma folha de papel. Este desenho era fixado, posteriormente, em uma estrutura de papelão que emulava uma janela. Assim, ao abrir as janelas do papelão, o desenho da criança era visto (Figura 3).



Figura 3. Oficina com crianças no EDI Cleia Santos. Créditos: Paulo Barros.

O quarto encontro foi novamente na Lona. A história contada foi o livro *Anansi*, dos autores Jefferson Costa e Lucas Benetti, que conta as aventuras de Anansi, o deus-aranha, para conseguir comprar o baú que contém todas as histórias do mundo de Nyame, o deus do céu. Neste baú são guardadas todas as histórias, tanto as que já foram contadas, quanto as que ainda irão ser contadas, inclusive a do deus-aranha. A partir da contação de história, as crianças foram estimuladas a pensar em histórias de que gostavam e que gostariam de guardar em um baú coletivo. Assim, elas desenhavam os elementos principais dessas histórias e colocavam em uma estrutura de papelão plana e dobrável que remetia a um baú (Figura 4).



Figura 4. Oficina com crianças no EDI Cleia Santos. Créditos: Paulo Barros.

O quinto encontro aconteceu no EDI Cléia Santos. A história contada, dessa vez, foi através de vídeo produzido pelo educativo do Museu da Maré, chamado “Mataram meu gato”⁶, que narra a história do surgimento do nome da Escola de Samba da Maré, o Gato de Bonsucesso. A partir dessa história, as

⁶ Vídeo disponível em: <https://youtu.be/vbu6WDQS5qs>

crianças construíram pequenos estandartes de escolas de samba, usando tecidos, colas coloridas, linhas e palitos. Os estandartes possuíam um tamanho aproximado de 20cm x 20cm (Figura 5).



Figura 5. Oficina com crianças no EDI Cleia Santos. Créditos: Paulo Barros.

O sexto e último encontro aconteceu no Parque Lage com uma visita das crianças e suas famílias. Nesse momento, é preciso fazer dois adendos: a Jornadas de Outubro de 2022 - um dos projetos definidos para ser entregue pelo plano anual - tinha uma exposição prevista e o sexto encontro coincidiria com a execução dessa Jornada. Por isso, unimos os dois projetos com o objetivo de proporcionar às crianças um último encontro significativo, tendo em vista que essa visita contaria com a presença dos seus familiares. A exposição foi sendo montada ao passo que os encontros iam acontecendo e as produções de cada criança chegava na EAV Parque Lage e era organizada para a exposição (Figura 6).



Figura 6. Crianças e famílias visitando a exposição. Créditos: Paulo Barros.

No dia do sexto encontro, todas as criações já estavam presentes na exposição, que ficou aberta ao público durante um mês. As crianças chegaram com suas famílias e elas já sabiam que estavam participando da mostra, logo nos direcionamos até lá e elas foram mediando as próprias produções e contando, para o seu público, o processo de construção que as levou até aquele resultado.

Fizemos uma visita pelo jardim do palacete e apresentamos-lhe alguns dos lugares icônicos do entorno, como a gruta e o aquário. A euforia era nítida e o desejo de continuar desbravando os espaços também. Continuamos nossa caminhada e a cada novo lugar, que era descoberto pelas crianças, parávamos e conversávamos sobre como aquele lugar fora feito, se tinha algum motivo e se era possível pensar na razão de ter aquele nome. Todo o trajeto foi pensado para que pudéssemos retomar as conversas que haviam sido construídas ao longo dos encontros (Figura 7).



Figura 7. Crianças e famílias visitando o Parque Lage. Créditos: Paulo Barros.

Ao final da visita, as crianças levaram consigo alguns dos trabalhos e outros permaneceram na mostra para que ela pudesse ser vista pelo público por mais tempo, já que, com as Jornadas de Outubro acontecendo, nosso público infantil aumentara consideravelmente.

4. Conclusão

O projeto desenvolvido nesta parceria tripla entre o Parquinho Lage, a Lona Cultural da Maré e o EDI Cleia Santos pode ser classificado como uma ação piloto e experimental dentro de cada uma das instituições que a construíram em conjunto. Assim, após o fechamento desse ciclo de encontros, nos parece fundamental entender e avaliar os processos criados e os possíveis impactos gerados. Também é importante salientar que, dentro do campo da educação e da arte, há coisas que escapam de uma avaliação objetiva. Coisas que estão em

um campo de subjetividade, do invisível e do imensurável, que apenas podemos supor, almejar ou desejar.

Em um relato próximo ao nosso, Boing e Nichols refletem sobre o impacto não visível e não mensurável de atividades artísticas voltadas para as infâncias:

A educação praticada nas e pelas oficinas constituiu-se por tramas de redes de saberes e fazeres que possuem diferentes origens. A complexidade dessas redes produz fissuras que deslocam e reinventam os papéis de artista, curador, educador e participante. E, entremados com e pelas suas redes, ora a artista era também educadora, e as crianças eram artistas e propositores, ora educadores eram aprendizes e materiais ensinavam. As aberturas e os desvios forjados nas práticas de educação tecidas em redes encontram, nas práticas artísticas participativas, convergências que valorizam o processo e os deslocamentos dos papéis dos praticantes. [...] Aprendemos que a educação produzida nesses encontros, talvez como a que se produz em todo lugar, é da ordem do imprevisível e do incontrolável, do que não se mede, do que não se vê. (Boing & Nichols, 2017, p. 49)

No entanto, aqui podemos propor um outro tipo de avaliação. Uma avaliação do projeto em si, de como foi o desejo inicial e quais foram os resultados obtidos por nós, enquanto educadores e educadoras. Através de parcerias com outros espaços de outros territórios, buscou-se promover o intercâmbio institucional e de práticas educativas. Isso provoca um dos principais resultados, o estreitamento de laços institucionais com outros equipamentos públicos da cidade. Aprender com outros espaços sobre metodologias, fomentar a circulação de pessoas entre os equipamentos públicos da cidade e tentar ser mais poroso enquanto escola de arte para a cidade do Rio de Janeiro.

Outros pontos foram o incentivo à leitura e a experimentação de técnicas artísticas na primeira infância. Aqui, entendemos a potência dessas práticas como instrumentos para construção do sujeito autônomo e promoção da cidadania, assim como a tentativa de construção de um espaço e de processos que levaram em consideração a autonomia da criança e seu protagonismo durante os encontros. Temos aqui uma afinidade com os pensamentos de Paulo Freire sobre educação:

É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em

diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos de autoridade já não valem. (Freire, 2012, p.75)

Ficamos por hora com um breve horizonte traçado em nossa frente: como podemos estreitar laços e aprofundar questões com parcerias entre instituições? Como podemos aprofundar e ampliar práticas, ações e programações para a primeira infância? Como podemos expandir as relações de autonomia, educação e arte junto com as crianças no Parquinho Lage? Essas são algumas reflexões que queremos levar conosco para os próximos anos e projetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Boing, M. C. & Nichols, N. (2017). Do que não se mede, do que não se vê. In L. Lagnado (Org.), *O nome do medo* (pp. 47-49). Disponível em: <https://museudeartedorio.org.br/wp-content/uploads/2019/09/onomedo.pdf>
- Bruguera, T. (2018). Declaração docente. In R. Cervetto & M. A. López (Org.), *Agite antes de usar: Deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina* (pp.91-93). Edições Secs.
- Freire, P. (2012). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Brasil: Nova Fronteira.
- Rancière, J. (2012). *O espectador emancipado*. WMF Martins Fontes.